

# IMPACTOS AMBIENTAIS DE GRANDES EMPREENDIMENTOS E DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS SOBRE A BIODIVERSIDADE

Philip M. Fearnside

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia-INPA

Muitos dos grandes empreendimentos existentes, além dos planejados, na Amazônia brasileira exercem impactos diretos sobre a biodiversidade, e também, provocam impactos indiretos por meio das suas contribuições às mudanças climáticas. A construção e pavimentação de rodovias é uma força chave no processo de desmatamento, uma vez que facilita a entrada de grileiros, sem-terras, madeireiros, pecuaristas e outros atores. Também, valoriza as terras, elevando seu preço, com concomitante especulação e desmatamento para garantir a posse.

Atualmente, a reconstrução da rodovia BR-319 (Manaus-Porto Velho), que se encontra abandonada desde 1988, é a obra que provocaria maior impacto ambiental, pois permitiria o acesso às regiões central e norte da Amazônia aos atores e processos do Arco de Desmatamento. O desmatamento na Amazônia é a principal fonte brasileira de emissões de gases de efeito estufa. O Brasil tem um papel chave nas negociações sob a Convenção de Clima, pelas seguintes razões: é um dos grandes emissores do mundo; pode reduzir suas emissões por meio da diminuição do desmatamento, uma opção relativamente barata, sem grandes impactos negativos sobre a economia do país e; é um dos países previstos a sofrer os piores impactos do aquecimento global. Este aquecimento ameaça a própria floresta amazônica, principalmente por dois tipos de seca cuja frequência está prevista a aumentar com o agravamento do aquecimento

O primeiro é o fenômeno El Niño, que é provocado pela formação de uma mancha de água quente no Pacífico equatorial. Embora o fenômeno ocorra de forma cíclica há milhares de anos, a sua frequência é significativamente maior desde 1976 e, o último relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC) conclui que, com o agravamento do aquecimento global, as “condições tipo El Niño” (a mancha de água quente no Pacífico) serão cada vez mais frequentes. Sabemos de forma direta, sem depender de resultados de modelos, que estas condições estão associadas às secas e incêndios no norte da Amazônia, como os incêndios em Roraima de 1982, 1997-98 e 2003. O segundo tipo de seca é o que atingiu a parte sul da Amazônia em 2005, quando houve incêndios no Acre e os rios afluentes do lado sul do rio Amazonas quase secaram, isolando as comunidades ribeirinhas que dependem de barcos. Este tipo de seca é provocado por uma mancha de água quente no Atlântico. Esta área do oceano está esquentando rapidamente devido à diminuição de poeira no ar nessa região e, com a continuação do aquecimento global, está previsto maior diminuição dessa poeira. Simulações indicam que aumentaria subidamente a chance de ter secas iguais ou piores do que a de 2005 se a concentração de CO<sub>2</sub> na atmosfera passar de 400 ppmv. A continuação do ritmo atual de crescimento de emissões globais levaria à probabilidade de secas similares à de 2005 chegaria a um ano em dois até 2025 e, a nove anos em dez até 2060. Portanto, o Itamaraty precisa abandonar a sua postura atual e assumir uma meta nacional sob a Convenção de Clima, tomando a liderança na luta contra as mudanças climáticas.